

## RUTH ATRAVESSANDO FRONTEIRAS

Queridos amigos, estou muito feliz por poder partilhar este momento com vocês e agradeço aos organizadores o convite. Convido-vos, portanto, a reflectir juntos sobre a passagem das fronteiras a partir da história contada num pequeno livro do Antigo Testamento; este livrinho tem o nome de uma mulher e conta parte de sua história: Ruth, a Moabita.

### I. O que diz o livro de Ruth?

Estes quatro capítulos permitem-nos focar quatro momentos de uma história repleta de movimentos, idas e vindas de um território a outro. E podemos perceber, inicialmente, que é a fome que controla os diferentes movimentos do livro.

1. Porque Ruth é antes de tudo uma história de migração: o **capítulo 1** conta-nos que uma família deixa o seu país, Israel, a sua cidade, Belém, porque em Belém há fome; a família de Elimelek e Noemi deve exilar-se para sobreviver, mudar de território e ir para um território de má reputação, que deixou marcas negativas na memória do povo de Israel: os moabitas não são bem vistos, mas a família de Elimelek ainda tentarão a sorte lá e os filhos, Malon e Quilion, casarão com mulheres moabitas, Ruth e Orpa.

Os anos passam, dez anos, e agora o marido de Noemi e os seus dois filhos morrem neste país de Moab. É a perda do sustento da família para as mulheres que permanecem: a fome, o exílio e a morte desintegraram uma família que já não tem futuro porque nenhuma criança, nenhum filho poderá sobreviver.

Noémi fica então sabendo que a fome acabou no país de onde ela vem, em Belém, e decide cruzar a fronteira e voltar para Belém. Ela volta de mãos vazias, com o coração triste, perdeu tudo o que tinha quando partiu, já não tem marido, já não tem filhos, já não tem terra para cultivar, também já não tem esperança; mas ela volta mesmo assim, acompanhada de uma de suas duas noras: Ruth. Orpa, a outra nora, decidiu, após hesitação, ficar em Moab.

Ruth é viúva de Malon, filho de Noemi, esse casal não teve filhos e é com ela que Noemi agora lutará contra as adversidades.

Ruth escolhe acompanhar Noémi. Mas de quem ela está a separar-se? O que ela deixa para trás? que lembranças ela deixa em Moab? que memória ela abandona ao cruzar esta fronteira, ao entrar num país que não deseja o bem ao seu povo, os moabitas? Nada nos é dito sobre Ruth, os seus sonhos, a sua ligação com Moab.

2. O **capítulo 2** narra este regresso e o início difícil deste “retorno ao país” para Noémi e esta entrada numa nova vida para Ruth.

Este regresso faz-se ao ritmo de duas épocas de colheita, e as duas mulheres encontrarão primeiro o que comer.

Ruth e Noemi moram juntas em Belém, Ruth vai respigar nos campos, faz o que a lei permite aos pobres e às viúvas, ela apanha as espigas que caem dos feixes dos ceifeiros durante a colheita. Ruth coloca-se em perigo: uma mulher sozinha e indefesa, que vem de um povo que as pessoas não gostam, muitas coisas podem acontecer com ela nesses campos cheios de ceifeiras. Mas ela encontra-se no campo de Booz, que a coloca sob sua protecção, a comer com o grupo dos seus ceifeiros e dá-lhe cereais para levar para Noemi; ela permanece ali durante toda a colheita da cevada e do trigo. Vemos aí como se tece uma rede de solidariedade que não tem existência jurídica, que não depende das leis do país, mas que é feita de encontros e de palavras. Simplesmente porque os seus caminhos se encontram, as pessoas conhecem-se, reconhecem as dificuldades daqueles que encontram e fazem o que

podem para se ajudarem. Ruth decide ajudar Noemi, Booz decide ajudar Ruth e então Noemi, por sua vez, aconselhará Ruth no capítulo 3.

3) O **capítulo 3** conta-nos o que acontece numa noite muito especial: é o fim da colheita, todos estão alegres. Seguindo o conselho de Noémi, sua sogra Ruth prepara-se, arruma-se e vai ao encontro de Booz na eira (segundo o costume, ela não tem o direito de fazê-lo como mulher) e acaba por dormir perto dele; ele acorda e ela pede-lhe em casamento, o que ele aceita. Ruth, então, já não terá falta de marido. E Booz, no capítulo 4, fará tudo o que puder para estabilizar a situação.

4) Porque há uma complicação, que nos é contada no **capítulo 4**: a lei prevê que a mulher viúva e sem filhos deve ser casada com o irmão do marido falecido e que o parente mais próximo deve comprar de volta as terras de alguém da família que os vende quando não tem mais meios de viver. Ou há um parente mais próximo do que Booz que poderia ser candidato. Booz deve, portanto, negociar com ele publicamente, na porta da cidade, onde acontecem todas as transacções, mercados, acordos, vendas, disputas. Então Booz casa-se com Ruth, e Ruth terá um filho, Obede, que será o avô do Rei Davi. Ruth e Noémi já não sentem falta de um filho, tudo o que faltava no início da história foi encontrado.

### **Então, o que aconteceu durante esses quatro capítulos?**

- Começamos com o vazio da fome, da morte, da solidão, terminamos com a plenitude da família sendo reconstruída, do filho a nascer, da bênção do próximo.

- começamos pela ausência de esperança, pão, terra e descendência e capítulo a capítulo encontraremos pão, esperança, terra, família e descendência.

- para conseguir tudo isso é preciso cruzar fronteiras, enfrentar novas situações, relembrar histórias antigas, misturar gerações.

E para fazer tudo isso, podemos perceber que é importante nesta história que os diferentes personagens conversem entre si.

### **- A importância dos diálogos**

Em cada capítulo da história de Ruth há um diálogo importante entre dois personagens.

É uma história onde os diálogos são sempre o que fará as coisas avançarem. Às vezes é Noemi quem fala com Ruth, ou Ruth que fala com Noemi, ou Booz que fala com Ruth, ou Ruth que vem falar com Booz, ou Booz que chama outro parente próximo em frente de testemunhas no portão da cidade, ou os vizinhos que felicitam Noémi pelo recém-nascido; Todos se revezaram para levar a história adiante. Todos se revezam nas iniciativas, Noemi decide voltar para casa, Ruth decide voltar com ela e depois vai respigar nos campos, Booz decide proteger Ruth; Ruth, seguindo o conselho de Noemi, decide ir e juntar-se a Booz uma noite para pedir-lhe em casamento, Booz decide casar-se com Ruth; não estamos à espera de um líder que possa dar todas as soluções, dizer a cada um o que deve fazer ou um mediador que lhes organize tudo, cada um faz uma pequena parte do caminho. Todos falam e explicam a alguém que escolhem o que pensam que estão a fazer. Nem todo mundo fala com todo mundo o tempo todo, mas sabe falar com a pessoa certa na hora certa.

Porque nesta história há muitos problemas para resolver, podemos falar de **um conflito com várias dimensões**:

- uma dimensão material ligada ao movimento das populações em busca de bem-estar económico. Noemi e Elimeleque partem de Belém para Moab, do outro lado do Jordão, terra estrangeira, que lhes dará comida, mas que engolirá os homens da família. Mas este conflito

também tem uma dimensão social e estrutural: porque é que a família de Elimelech pode partir e porque é que não escolhe ficar na “terra prometida”, em solidariedade com os outros, mesmo na fome? (A tradição judaica enfatiza este facto ao ver a morte dos homens como uma espécie de castigo por terem feito a “má escolha” do exílio) e como será recebida Noemi no seu regresso? Não necessariamente de braços abertos...

E assim, o conflito inclui também uma dimensão relacional: que família, que casa construir, com quem ficar ou sair, quem escolher?

e ir para Moab é perder-se entre os piores inimigos...

E, entretanto, para resolver tudo isto, podemos perguntar-nos quem é o herói desta história? Podemos dar várias respostas a esta pergunta, justamente pela forma como a história avança. É Ruth, Noemi? Bebida? É uma história sem um único herói, onde cada um dos personagens se reveza desempenhando um papel importante, expondo-se e depois desaparecendo, deixando para outro continuar a acção.

Há muita sabedoria nesta forma de enfrentar os problemas e seria interessante reflectir a partir desta história sobre como nós próprios fazemos para encontrar soluções para os nossos conflitos, sobre como escolher o que fazer, como tentamos avançar quando as dificuldades nos bloqueiam .

- Que espaços podemos encontrar para conversar, para levar adiante as nossas histórias contando a alguém que realmente ouça o que temos a dizer?

- Vemos também nesta história a importância de criar estratégias de protecção aos mais fracos, espaços de segurança, como o campo de Booz para Ruth, a casa de Noemi; como podemos criar e identificar esses espaços seguros para quem viaja e precisa deles?

- há também as testemunhas que são importantes, as testemunhas que escutam como os vizinhos que ouvem a tristeza de Noemi, uma viúva que regressa de Moab, ou as testemunhas à porta que ajudam a organizar o casamento; estas testemunhas às vezes reformulam o que entendem e dizem-no em forma de bênção.

Quem são as testemunhas das nossas travessias, das nossas etapas, dos nossos recomeços?

Na história de Ruth é necessário que todos expressem o que sentem pelo outro em situação de tensão (Noémi triste e sem esperança diante das noras, Booz surpreso e admirado diante de Ruth, Ruth muito determinada diante de Booz), e poder ser e continuar sendo o que é (Ruth continua moabita, Booz tem a força de uma coluna, esse é o significado do seu nome).

## **II. Há então diversos tipos de travessias, de passagens nesta história.**

Existem travessias de território. E não é fácil atravessar fronteiras para viver noutra local durante algum tempo. Quem sai não é igual a quem volta; só há uma que faz a viagem de ida e volta de Belém a Moab, é Noemi; nas viagens há pessoas que não voltam e outras que chegam pelo caminho. Por que estamos a ir embora? Por que estamos a voltar? O que nos move? Como nos organizamos? Que ideias temos sobre o território onde vamos instalar-nos? Quem pode dizer-nos coisas que nos ajudarão ou nos assustarão onde chegarmos?

E não voltamos por onde saímos; às vezes leva tempo para entender o que perdemos e o que ganhamos, como Noémi que primeiro pede para ser chamada de “amarga” (Mara) e não de “doce” (Noémi) para depois poder voltar a alegrar-se com uma nova família.

E isso ainda é uma questão: **que nomes vamos dar-nos ou receber ao longo do caminho?** ou que nomes eles nos darão? e o que esses nomes dizem sobre a nossa identidade?

Os nomes dizem coisas no livro de Ruth: Noemi “minha doce ou minha graciosa” torna-se “amarga”, Mahlon “doente” e Kilyon “frágil” o seu irmão morre, Orpah “aquela que mostra o ombro” acaba dando a volta e separa-se de Noemi e Ruth para voltar para a casa da sua mãe, Ruth “a companheira” ou “aquela que está realizada” passará por momentos de solidão, Booz “aquele que tem a força, o pilar” pode decidir o que fará com esta força, esta solidez, para si ou para os outros; quanto ao parente mais próximo, ele parece tão pouco interessado no destino desta família que nem sequer lhe damos um nome, pois ele não se quer envolver na história...

Hoje há pessoas que não têm nome, não têm papéis ou que são obrigadas a pedir emprestado o nome de outras pessoas para trabalhar, para existir. Há pessoas que têm um nome num país, num território, e outro nome noutro país, ou um nome na família e outro nome na escola ou no trabalho. Como nos chamamos? Como somos chamados?

**Na história de Ruth também passaremos por preconceitos e muitas lembranças antigas que nos impedem de viver.**

Ruth, sempre a chamamos da mesma forma: “Ruth, a Moabita”. E esse é um nome que não é fácil de suportar! Porque Moab, como dissemos, é um país que tem má reputação em Israel, é um povo de quem não gostamos, sobre o qual construímos muitos preconceitos e tradições negativas. E a história de Ruth obrigará quem a ouve a rever os seus preconceitos, a visitar as suas tradições e a memória que lhes foi transmitida de Moab. Mas o que há nesta memória?

### **O nascimento de Moab**

Primeiro, há a história de como é contado o nascimento do povo de Moab, em Génesis 19: a origem dos seus ancestrais moabitas a partir do incesto de Ló e suas filhas. E há semelhanças entre a forma como a história de Ló e suas filhas é contada e a noite em que Ruth se deita aos pés de Booz.

Nas duas histórias de início, há uma relação problemática, num momento de emergência, de crise, entre uma mulher e um parente próximo de quem nascerá um filho, com vários pontos em comum.

- O caso acontece num lugar remoto (uma caverna para Ló e suas filhas, onde se refugiaram após a destruição de Sodoma (Gn 19), uma eira, um lugar sagrado um pouco afastado da aldeia para Ruth ;

a cena se passa à noite, e a iniciativa parte das mulheres: são as filhas de Ló que pensam que toda a humanidade foi destruída e que só elas restam para garantir a sobrevivência da humanidade; eles devem, portanto, “usar” o único homem que resta: o pai, para ter filhos. E Ruth, a conselho de Noemi, vai encontrar Booz a dormir na eira.

- o homem bebeu muito e não percebe o que está a acontecer. Em Gen 19 deste encontro nasce um filho, será Moab (então o seu irmão Amon com a outra filha de Ló); em relação a Ruth, o texto é muito discreto e não sabemos o que acontece naquela noite na eira e quando a criança será concebida, mas um pouco mais tarde a criança também chegará.

O texto de Ruth oferece, portanto, uma forma de reviver a cena dos seus antepassados moabitas, de reconstituir esta história: Ruth é verdadeiramente moabita quando chega à eira onde Booz está deitado. Mas desta vez as coisas são mais claras do que entre Ló e suas filhas; há um diálogo durante esse encontro noturno, permanece uma ambiguidade sobre o momento da concepção do filho, durante a cena ou posteriormente, mas lemos ali uma promessa por parte do homem de assumir as consequências da situação e resolver o problema desta mulher problema. Ruth arruma-se, passa perfume, veste-se como se fosse a uma cerimônia de casamento. Quando Booz acorda durante a noite, Ruth diz-lhe “proteja-me” ou “estenda o seu manto sobre mim”. É um gesto que aparece na cerimônia do casamento: o marido estende a capa sobre a noiva para mostrar que se vai casar com ela. O profeta Ezequiel usa esta imagem para falar da aliança que Deus faz com Jerusalém (Ez 16,8). Depois de tomar a iniciativa de procurá-lo, ela de alguma forma passa-lhe o bastão e Booz aceita a sua proposta. Ruth oferece, portanto, uma releitura positiva da história da origem do seu povo e muda a forma como olhamos para Moab.

### **O papel de Moab na história de Israel**

Quando queremos rejeitar um povo, dizemos todo tipo de coisas negativas sobre ele e foi o caso de Moab, contra quem tínhamos preconceitos que estavam bem enraizados na memória de Israel. É um país vizinho de Israel, basta atravessar o Jordão para chegar lá, bastam algumas horas de caminhada.

No livro de Ruth, Moab é um país onde se pode ir em busca de refúgio em tempos de fome e onde se pode casar com as filhas do país. Em 1 Samuel 22.1-5, David, ameaçado pelo exército de Saul, confia os seus pais ao rei de Moab. E Jeremias 40.11 conta-nos que na época do cerco de Jerusalém pelos babilônios, habitantes de Judá encontraram refúgio na terra de Moab. Todas estas são coisas positivas, mas também encontramos outros textos onde Moab é apresentado como inimigo.

Portanto, não são apenas um povo que se diz ter nascido do incesto, mas também são um inimigo:

- um inimigo que é ridicularizado: Juízes 3:12-30 conta a história de Eglom, um rei grande e gordo de Moab que é assassinado por um pequeno e inteligente juiz de Israel, Eúde.
- um inimigo contra quem lutamos: 2 Reis 3 (guerra entre Josafá e Mesa, rei de Moab)
- um inimigo cuja destruição é anunciada como a de outros inimigos em Jeremias 48
- um inimigo que é massacrado sem piedade: 2 Samuel 8.2 lemos que “David derrotou os moabitas e mediu-os com uma fita, fazendo-os deitar no chão. Ele mediu duas fitas para serem mortas e uma fita inteira para serem deixadas vivas. Os moabitas foram escravizados por David e pagaram-lhe tributo.”
- e sobretudo um inimigo excluído da comunidade religiosa: Deuteronómio 23,4-7:  
“Os amonitas e os moabitas nunca entrarão na assembleia do Senhor; nem a décima geração deles entrará na assembleia do Senhor, porque não vieram ao teu encontro com pão e água na tua saída do Egito, e a quem Moab subornou contra ti, para te amaldiçoar, Balaão (.. .) Você nunca buscará a prosperidade ou a felicidade deles enquanto estiver vivo.”

### **Como Ruth baralhou as cartas**

Este texto é por vezes utilizado para elogiar a obediência das noras para com as sogras, para pintar um quadro romântico e rústico de amor que dá uma oportunidade a uma menina pobre e viúva sem esperança. E, no entanto, este texto ataca a raiz dos preconceitos teimosos; aqui

esta mulher moabita, que vem de um povo acusado de não ter dado pão a Israel quando precisava, é quem alimenta a sogra, correndo o risco de ir respigar em campos desconhecidos. Esta mulher moabita é quem mostrará a sua fidelidade, o seu amor, a sua ternura pela família que escolheu, e esta é a fidelidade, a ternura e o amor que Deus prometeu aos patriarcas no Génesis.

É ela também quem vai “agarrar-se” (a palavra é muito forte, é como “grudar”) em Noemi como dizemos em Gn 2:24 que o homem sairá da casa do pai para se apegar à esposa. Ela apegar-se-á (davaq) a uma mulher idosa e não a um marido. Ela opta por partir, por deixar o seu país e a sua família, como Abraão em Gn 12,1-3, mas nisso ela não atende a nenhum chamado de Yahweh e parece agir por iniciativa própria, como se ela, a mulher estrangeira, era moabita, ela entendeu o que tinha que ser feito.

E isso é muito forte porque esta história foi escrita provavelmente num momento difícil da história, no momento em que, depois de ter visto o seu país destruído e alguns levados para o exílio enquanto outros permaneceram a viver nas ruínas, o povo de Israel está a pensar em como encontrar uma identidade.

Alguns regressam do exílio num território que já não é independente, dominado pelo Império Persa, mas com o projecto de reconstruir o templo e reorganizar a sociedade como antes. Aqueles que não se exilaram e ficaram a cultivar as terras arruinadas, da melhor forma que puderam, não concordam necessariamente com o projecto de quem regressa, mas têm dificuldade em fazer-se ouvir. E neste momento de crise, alguns pensam que para sobreviver, para encontrar uma identidade, devemos retirar-nos entre nós, com toda a memória do passado, respeitar as leis, não mudar nada, separar-nos de outros que estão no mesmo território e proteger-se de estranhos.

Os livros de Esdras e Neemias contam como o sacerdote Esdras e o governador Neemias chegam a Jerusalém, tentam reconstruir o templo e reorganizar a comunidade religiosa. Eles querem forçar os judeus, especialmente os sacerdotes e os notáveis, a mandar embora as mulheres estrangeiras com quem se casaram (Esdras 9-10; Neemias 10).

O livro de Ruth, sem dúvida escrito na mesma época, defende outro ponto de vista e outros valores: não se trata do templo ou de Jerusalém, mas da vida quotidiana de uma comunidade agrícola. Por outro lado, vemos Ruth, uma mulher estrangeira, moabita, carregando dentro de si o futuro do povo porque se tornará avó do rei David. No livro de Ruth, uma sociedade feliz é aquela onde todos têm a oportunidade de ter pão, uma família e escolher onde querem viver.

#### **-um texto que luta contra leis prejudiciais**

O que o livro de Ruth também diz é que às vezes, para avançar, temos que mudar as leis quando estas leis não nos permitem viver.

O livro de Ruth discute diversas leis encontradas nas listas de leis do Antigo Testamento, mas critica-as e relê-as num novo contexto.

#### **Primeiro há a lei da respiga: Deuterónimo 24.17-19**

*17 Moisés disse: Você respeitará os direitos de um estranho que mora em sua casa ou de um órfão. Não tomarás a roupa de uma viúva para comprovar a sua dívida. 18 Lembra-te: foste escravo no Egito, e o Senhor teu Deus te libertou. Portanto, ordeno que obedças a estes mandamentos: 19 Quando estiver a colher, se te esqueceres de uma pilha de espigas no teu campo, não voltes para pegá-la. Deixa isso para estranhos na tua casa, órfãos e viúvas. Então o Senhor, teu Deus, te abençoará em tudo o que fizeres.*

*É uma bela lei, mas parece que não foi necessariamente aplicada nos campos, uma vez que Booz deve tomar medidas para proteger Ruth quando ela estiver respigando:*

*2.8 Então Booz disse a Ruth: “Você ouviu, não é, minha filha? Não vás colher noutra campo; não, não te afastes deste. Então te apegarás aos meus servos.*

*9 Não tires os olhos do campo que eles estão ceifando e vai atrás deles. Proibi os jovens de tocar em ti, não foi? Quando tiveres sede, irás até às jarras e beberás do que os servos tiraram.»*

*Também encontramos esta lei em Levítico 19:*

### **Levítico 19:33-34**

Quando um estrangeiro vier morar na tua casa, no teu país, não te aproveites dele. 34 Pelo contrário, trata-o como se tratasses de alguém do teu povo. Você deve amá-lo como a si mesmo. Na verdade, vocês também eram estrangeiros no Egito. O Senhor teu Deus sou eu.

Mas mostrar as dificuldades de Ruth talvez seja uma forma de criticar uma sociedade que não reconhece os direitos daqueles que mais precisam deles para sobreviver, que não aplica as leis que defendem os estrangeiros, que as podem ter esquecido. Mas a presença de Ruth trá-los-á de volta à memória.

Mas há também duas outras leis das quais nos lembramos, que Booz e Noemi lembram, mas que Booz transformará.

Uma delas é a do Levirato, de Dt 25, 5-10:

*5Se irmãos viverem juntos e um deles morrer sem ter filhos, a mulher do falecido não pertencerá a estranho fora da família; seu cunhado irá até ela, tomá-la-á como esposa e cumprirá o seu dever de cunhado para com ela.*

*6O primeiro filho que ela der à luz perpetuará o nome do seu irmão falecido; assim o seu nome não será apagado de Israel.*

*7E se um homem não quiser casar com a sua cunhada, ela irá até a porta ter com os anciãos e dir-lhes-á: “Meu cunhado recusou perpetuar o nome de seu irmão em Israel; recusou-se a cumprir o seu dever de cunhado para comigo.»*

*8Os anciãos da cidade convocá-lo-ão e falarão com ele. Ele ficará ali e dirá: “Não me quero casar com ela”.»*

*9Sua cunhada irá ter com ele na presença dos anciãos; ela tirará a sandália do pé dele e cuspirá na cara dele; então ela falará e dirá: “Isto é o que fazemos ao homem que não reconstrói a casa do seu irmão!”»*

*10E em Israel será chamada “casa dos descalços”.*

Estes versículos estabelecem que, se irmãos viverem juntos e um deles morrer sem ter tido filhos, a sua viúva torna-se esposa de um dos irmãos que ainda está vivo. Esse cunhado que se torna o novo marido tem um nome que já foi traduzido como “levir”. O primeiro filho deste segundo casamento é oficialmente considerado o do irmão falecido. Parecia haver uma

preocupação de que o nome do morto não desaparecesse e que este homem pudesse continuar a viver numa nova geração. Originalmente, tratava-se também de proteger as viúvas, ou seja, as mulheres que se encontravam sozinhas, sem recursos e sem apoio da sociedade. Este costume existia também entre alguns povos vizinhos de Israel.

O livro de Ruth apresenta uma prática ligeiramente diferente da lei de Deuteronómio, uma vez que Booz não é irmão do primeiro marido de Ruth e não viveu sob o mesmo teto que Ruth e Noemi antes de seu casamento. Há uma espécie de ampliação da responsabilidade dos homens da família que devem ajudar as duas mulheres a viver adequadamente.

E pela redenção, Booz daria à luz um filho de Malon, o falecido marido de Ruth. O comentário das mulheres vizinhas afirma que Ruth deu um filho a Noemi. Os vizinhos chamam a criança de Obede, que significa servo. Ele é o “redentor” de Noémi, aquele que a reconstrói como mãe. Assim, a história muda constantemente os valores tradicionais, ampliando-os. Ele faz isso de forma surpreendente novamente ao relatar que não são apenas os vizinhos que proclamam em 4.18: “Nasceu um filho a Noemi!” mas são também eles que dão o nome à criança. Este acto mostra que a criança também pertence a eles, como pertence a todo o povo a quem dará um rei.

Além disso, Booz apresenta esta lei como vinculada a outra lei, a do resgate de terras de Levítico 25.23-25 que, a priori, não está vinculada à lei do levirato. Levítico 25.23-25 especifica que no caso em que um homem em dificuldades económicas seja forçado a vender as suas terras, um dos seus parentes próximos deverá recomprar essas terras. Esta lei foi feita para garantir a estabilidade e a solidariedade das famílias extensas que eram a base da organização da sociedade. Esta lei também é justificada por uma razão teológica: o único dono da terra é Yahweh, todos os proprietários humanos são apenas “transitórios” no país. O parente que resgata a terra recebe um nome particular: é o “goël”, ou seja, o salvador, o libertador, o defensor, o protector, o consolador, o vingador ou mesmo o redentor. Nos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías, Deus recebe frequentemente este nome: Deus é o “goel”, o protector, o salvador e o consolador do seu povo, ou seja, o seu redentor (Is 41,14; 43,14; 54,5; 63.16).

Ao indicar ao parente mais próximo que se quiser tomar a terra, e portanto realizar o goel, também deverá casar-se com Ruth, Booz mistura duas leis diferentes e reinterpreta a lei no sentido da defesa dos vivos e não da protecção dos mortos. Estes pequenos ajustes permitem-nos redimensionar o peso da lei tendo em conta as realidades concretas actuais. Assim a alimentação e a prole estarão garantidas.

Isto mostra que quando uma lei está ultrapassada, outra deve ser inventada; quando uma lei não defende a vida, ela deixa de ter utilidade. Como podemos mudar as leis e tradições quando elas nos impedem de viver? Esta é uma pergunta que ainda podemos fazer-nos hoje.

### **III. Como ler a história de Ruth hoje?**

Pode ser lida como uma bela história que dá coragem a todos aqueles que sofrem quando têm de atravessar fronteiras e territórios hostis; e em particular a leitura da história de Ruth permite-nos encorajar as mulheres em situações difíceis a transformar as suas condições de vida, ganhando confiança em si mesmas e na sua possibilidade de transformar a sua realidade. Também podemos encontrar ali recursos para enfrentar conflitos numa dinâmica de construção da paz.

As mulheres da América Latina e da África lêem este texto para encontrar energia para resolver as situações difíceis que atravessam, mulheres indígenas de diferentes grupos que



foram inimigas no passado e que agora entendem que devemos unir-nos para salvar o seu território e as suas comunidades de desastres económicos e climáticos;

Outros enfatizam na história de Ruth o esforço das mulheres que enfrentam a carência e a pobreza num mundo hostil onde reinam os pais e os maridos. Embora em situação de vulnerabilidade, recusam-se a deixar-se sugar pelo vazio e a tornarem-se actores da sua própria sobrevivência.

Mas será o casamento a única opção para poder viajar com segurança?

E esta famosa solidariedade feminina está realmente no centro da história e a quem ela beneficia?

Athalya Brenner, uma exegeta israelense, relê a história de Ruth à luz de uma notícia da sociedade israelita no final dos anos 2000: a história da prisão de uma estrangeira, trabalhadora agrícola que emigrou para Israel, em situação ilegal, ameaçada de expulsão que acabará por se casar com o proprietário da fazenda onde trabalha. Parte-se de uma descrição da difícil situação das mulheres emigrantes (provenientes da Tailândia, das Filipinas, da Roménia e da China) em Israel desde finais dos anos 80, pertencentes ao fluxo de “trabalhadores globais” que acompanham a fluidez do mundo globalizado. economia; ela então sugere ler Ruth como uma figura próxima dessas mulheres, de uma forma muito menos idealista do que muitas vezes é feito. Por que Ruth segue Noemi? Por amor e solidariedade? Ou porque ir para o estrangeiro para tentar a sorte parece preferível à sua situação de viúva sem filhos e, portanto, sem um homem adulto protector em Moab? Por que procurar motivos românticos ou espirituais na nossa leitura? Ruth vai embora porque não tem escolha, é sempre chamada de estrangeira, “a moabita”, trabalha como lavradora e acaba casada com uma rica figura local; ela encontra ali uma certa segurança, mas no final desaparece da sua própria história, do nascimento do filho, deixa de ser mencionada e, portanto, é mais assimilada do que integrada.

E é uma questão real que permanece no final do livro: para onde foi Ruth?

Ela integrou-se tão bem que não precisamos mais de falar sobre ela? ou foi silenciada, tornada invisível porque é estrangeira, comida como uma espiga de trigo maduro por uma comunidade que não quer ver a sua diferença?

Talvez caiba a nós escrever o resto da história de Ruth

### **Pensar na identidade como um itinerário**

Gostaria de terminar com uma reflexão sobre o que estas travessias de fronteiras, de culturas, de memória podem dizer-nos sobre a nossa identidade.

Através dos seus caminhos Ruth cria um itinerário cujo final permanece pontilhado; ter um itinerário significa que sabemos para onde vamos, que o nosso caminho nos leva a algum lugar e que quando olhamos para trás, para o caminho que percorremos, entendemos o que vivemos, encontramos sentido neste caminho.

Isto desafia-nos fortemente numa sociedade onde muitos iniciaram o seu caminho, forçados pela violência, pela necessidade económica, mas também pela necessidade de descobrir novos horizontes, pela esperança de viver melhor; chegam a uma terra estrangeira como emigrantes, emigrados, viajantes, comunidades de passagem... Têm sonhos, muitas vezes desfeitos pelo caminho, nem sempre sabem para onde vão, como poderão continuar a viajar, onde querem chegar.

A promessa que podemos encontrar em toda uma série de textos bíblicos, com os caminhos dos patriarcas, os do Êxodo e outros como o de Ruth, é que todos estes êxodos, todas estas

saídas podem tornar-se itinerários, viagens significativas que seremos capazes de lembrar e que todos poderão contar aos outros e também aos próprios filhos por muito tempo. Este é certamente o desafio que se coloca às nossas comunidades. A vida torna-se uma teia de histórias contadas. Contadas na medida em que a vida se confronta com as histórias da nossa cultura, da nossa fé, com as histórias bíblicas. E isto aplica-se tanto aos indivíduos como às comunidades; e mesmo na descrição mais modesta de um itinerário, posso encontrar na minha história histórias de viagens que outros fizeram antes de mim. Conto a mim mesmo uma história que ecoa histórias anteriores contadas por outras pessoas e às vezes reinterpreto-as de outra forma.

Contamo-nos relendo histórias, as nossas e as que vêm de outros lugares.

Contar a nossa vida envolve tornar-nos autores da nossa própria história, encontrar pessoas que contem o que nos acontece para fazer um itinerário e transformar o destino em objectivo. Todas as nossas histórias são importantes e ajudam-nos a estar no mundo.

Corinne Lanoir – IPT Paris.

“Mestre Conferencista do Antigo Testamento no Institut Protestant de Théologie de Paris, do qual também foi reitora de 2013 a 2017. É membro do Grupo de Pesquisa do Oriente Médio do Collège de France.

O seu compromisso não é apenas académico: animadora bíblica da igreja protestante em França, depois professora na Nicarágua, directora do centro ecuménico Ágape e coordenadora de formação intercultural para pregadores leigos das igrejas valdenses e metodistas na Itália.

Publicou numerosos trabalhos, nomeadamente sobre o livro de Jonas e Judic, intitulado: *Femmes fatales, filles rebelles*. Vamos ouvi-la com prazer”